

Edu Lobo e Zé Renato regravam ícone dos festivais

PÁGINA 3



'O Último Pub' pode ser a saideira de Ken Loach

PÁGINA 5



Grandes chefs do Rio se unem pelo Rio Grande do Sul

PÁGINA 7



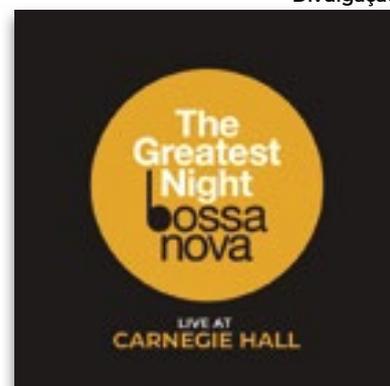
2º CADERNO



Sidão Santos, Daniel Jobim, Roberto Menescal, Carlinhos Brown, Carol Biazin, Alaíde Costa, Celeste, Seu Jorge e Adriano Trindade em show comemorativo da Bossa Nova no Carnegie Hall, em Nova York

Era uma vez uma noite em Nova York...

Show de outubro de 2023 que celebrou o aniversário da histórica apresentação de Tom Jobim, João Gilberto & Cia é lançado como álbum



Divulgação

mundialmente a bossa nova e seus dois gênios maiores, Tom Jobim e João Gilberto.

No palco, nomes legendários da bossa,

como Roberto Menescal e Alaíde Costa ganharam a companhia talentosa de Daniel Jobim (neto de Tom) e de dois dos

maiores astros globais brasileiros, Carlinhos Brown e Seu Jorge, e o reforço de jovens estrelas como a cantora paranaense Carol Biazin, 27 anos, e a britânica (nascida na Califórnia) Celeste, 30 anos, uma das vozes mais impressionantes reveladas nos últimos cinco anos.

Max Vianna, produtor do disco e do show, comenta: “Desde 1962, todo mundo tentava fazer algo assim e esbarrava em uma série de dificuldades e complexidades. Mas a gente finalmente conseguiu encontrar, a partir do trabalho de Seu Jorge com Daniel Jobim, uma solução artística e com apelo para produzir um show no local. Foi muito importante ter Menescal, que é um cara importantíssimo na música brasileira e que segue fazendo da bossa nova algo vivo e mutante, assim como foi ter Alaíde Costa, dar a possibilidade de trazê-la para um lugar que acolheu a música brasileira, e também apontar para o futuro, com a Carol Biazin e a Celeste. E, claro, ter também o Brown, um dos artistas brasileiros mais incríveis e versáteis, que conheci como percussionista da banda de meu pai”.

Continua na página seguinte

Um banquinho, um violão, um piano de cauda e 2.800 pessoas cantando baixinho, em uma das mais celebradas salas de concerto do mundo, o Carnegie Hall, no coração de Nova York. Foi assim a festa de aniversário que celebrou a histórica apresentação de Tom Jobim, João Gilberto, Roberto Menescal, entre outros, que colocou o estilo musical no mundo e aconteceu naquele mesmo auditório há 61 anos. Felizmente, o registro do show “The Greatest Night Bossa”, de outubro do ano ano passado, ganha registro fonográfico em álbum.

Mais que um registro histórico de uma noite mágica, o álbum “The Greatest Night Bossa Nova” é prova emocionante da atemporalidade e da força da música do Brasil. Ao longo das 16 faixas do álbum gravado ao vivo no Carnegie Hall, um grande time de artistas e músicos celebra um catálogo precioso de hits globais e standards, evocando o mítico concerto realizado em 1962 que ajudou a fazer decolar

“The Greatest Night Bossa Nova” mostra a bossa nova com molduras clássicas, mas como um gênero vivo, potente e influente, que ecoa no trabalho de artistas novíssimos, como Billie Eilish. Para Roberto Menescal, um dos artífices do gênero, que participou do concerto de 1962, tocando (e cantando) “O Barquinho”, vai além: “É como um panorama da música brasileira mais de 60 anos depois, com vários tipos de artistas e talentos. Mostra que a música brasileira hoje é maior, tem diversidade e segue se transformando”.

Um movimento presente, mas ancorado na força emocional de um repertório com precioso lastro na memória afetiva brasileira (e de várias gerações de estrangeiros). A vibração do público no teatro, cerca de 2,8 mil pessoas, é coadjuvante em várias das faixas, ganhando o protagonismo no encerramento apoteótico, com todos cantando “Garota de Ipanema” em ótimo português.

E essa cantoria feliz, na verdade, começa aos dois minutos da canção de abertura, “Chega de Saudade”, quando Daniel Jobim dá a deixa, pedindo: “Vocês...” E entram no mínimo duas mil pessoas entoando “vai, minha tristeza...”, junto com ele e com Seu Jorge.

Logo em seguida vem um momento musicalmente lindo e ecumênico, “Samba do Avião”, que começa com a citação de “Oração a Xangô”, parceria abençoada de Tom Jobim e Dorival Caymmi, pedindo proteção na ponte aérea de preenchimento harmônico entre Jobim, Debussy e Villa-Lobos (com carinho total de Daniel Jobim na ancestralidade nobre). Os dotes performáticos de Seu Jorge, em voz e tamborim, dão um molho diferente a “Só Danço Samba”, outro destaque do set inicial, conduzido por ele e Daniel.

No standard internacional “Samba de Verão” (de Marcos e Paulo Sérgio Valle), acompanhada por Roberto Menescal, Carol Biazin se mostra amadurecida e



Aláide Costa e Roberto Menescal durante o show comemorativo da Bossa Nova no Carnegie Hall, em Nova York

‘A música brasileira hoje é maior’

luminosa, justificando o status de grande revelação no cenário desta década. Honrando os laços afetivos com a canção, usa bem o timbre grave, a voz cheia, mas sem nasalidade e com as palavras bem articuladas. “Cantou bem demais. Uma gracinha. E completamente diferente das coisas dela que eu vi no YouTube”, elogia Menescal.

Em “O Barquinho”, ele teve a chance de fazer seu acerto de contas com a história. Notório não-cantor, ela havia sido obrigado a encarar um microfone pela primeira vez num show no concerto de 1962, por obrigações contratuais. Nervoso, conseguiu errar a letra de seu maior sucesso. Nesse retorno, porém, descontraído, canta com suavidade, faz scat e

brinca com o som do violão. Preferiu não trazer a guitarra, com que toca habitualmente a canção há décadas, para manter o “espírito” de 1962.

Outro momento com espírito de revisão, e um dos grandes destaques do show e do álbum, aplaudidíssimo, é Aláide Costa reencontrando “Sabe Você”, joia criada por Carlos Lyra e Vinicius de Moraes, para “Pobre Menina Rica”, em releitura milionária de significados, com Roberto Menescal ao violão. Aos 87 anos, depois de preterida pela indústria em vários momentos, ela teve vez.

Com a ousadia que sempre marcou sua trajetória, Carlinhos Brown trouxe seu arsenal criativo e o piano de Thiago Pugas para

revisitar outro clássico, o hit global de 1959 “Manhã de Carnaval”, que havia sido um dos momentos mais aplaudidos no concerto de 1962 (quando foi interpretada pelo autor, Luiz Bonfá, ao violão, com o vozeirão de Agostinho dos Santos). Brown também traz para o repertório uma canção do século 21, “Ararinha” (que ele compôs para a animação “Rio”, de 2011), com alegria contagiante.

É acompanhada do violão precioso de Menescal que a anglo-americana Celeste brilha em um dos pontos altos do álbum. Com arrebatamento máximo, sem ornamentos desnecessários ou firulas, ela assombra traduzindo toda a dor expressa no clássico jobiniano “How Insensitive” (versão de “In-

sensatez”, de Tom e Vinicius), com direito a “por que você foi fraco assim, tão desalmado”, em português). Não é pouca coisa: Celeste se impõe com personalidade na canção que teve gravações memoráveis de gigantes do jazz como Ella Fitzgerald e Shirley Horn.

Seu Jorge e Daniel Jobim retornam para “duetar” em “Desafinado” e “Águas de Março”, com recepção eufórica do público, antes da apoteose de “Garota de Ipanema”, cantada por todos (Seu Jorge, Daniel, Brown, Aláide, Celeste e Menescal). Ao final, fica ecoando pelo Carnegie Hall o coro com o verso de Vinicius de Moraes que ajuda a explicar a força mágica da música de um certo país: “por causa do amor/ por causa do amor”.

Quem me dera agora...

Edu Lobo e Zé Renato regravam 'Ponteio', clássico da Era dos Festivais

Por **Affonso Nunes**

Clássico do repertório do mestre Edu Lobo, "Ponteio" ganhou uma nova versão, gravada especialmente para a trilha sonora da novela "No Rancho Fundo" (TV Globo). A nova versão marca o encontro de Edu com cantor e compositor Zé Renato, convidado pelo compositor para um dueto memorável já disponível nas plataformas digitais.

Os dois têm longa relação musical visto que o grupo Boca Livre (do qual Zé Renato faz parte) despontou nacionalmente em turnê nacional com Edu pelo saudoso Projeto Pixinguinha. Há quase 60 anos "Ponteio" venceu o III Festival da Músi-

Memeca Moschkovich/Divulgação



Zé Renato e Edu Lobo durante a gravação da nova versão de 'Ponteio'

ca Popular Brasileira da TV Record, na interpretação que reuniu a Marília Medalha, Edu Lobo, o grupo Momento Quatro (do qual faziam parte David Tygel e Maurício Maestro, colegas de Zé Renato no Boca Livre, Zé Rodrix e Ricardo Villas) e os músicos do Quarteto Novo, formado por Hermeto Pascoal (piano e flauta), Heraldo do Monte (violão e guitarra), Théo de Barros (contrabaixo e violão) e Airto Moreira (percussão). Uma histórica reunião de talentos que assina coletivamente um dos melhores arranjos apresentados num festival.

A melodia de Edu Lobo em "Ponteio" se pauta da tradição da viola sertaneja numa releitura moderna da estrutura do baião e a letra de Capinam usa elementos da cultura popular para falar sobre a luta pela liberdade e a esperança nos anos de chumbo com seu forte refrão "Quem me dera agora / Eu tivesse a viola pra Cantar" que, curiosamente, era a única contribuição de Edu na letra já que foi o ponto de partida da composição.

"Quando surgiu esse convite do Edu eu fiquei muito feliz. Impossível não lembrar da gravação original no festival, que assisti na época sem jamais imaginar que um dia cantaria com o David e o Maurício. E toda essa história que o Edu tem com o Boca Livre, de ter sido tão importante na nossa trajetória. E tudo isso veio à mente ali no estúdio, gravando com ele, um ídolo", conta Zé Renato.

Com um arranjo primoroso e piano do maestro Cristóvão Bastos, a gravação feita no estúdio da Biscoito Fino conta com a participação dos músicos Paulo Aragão (violão), Jorge Helder (contrabaixo), Mauro Senise (flauta) e Jurim Moreira na bateria.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Lidar com a rotina

O cantor, produtor e compositor Fel C prepara o lançamento do álbum "Interno", uma jornada reflexiva e cheia de assuntos complexos através de uma dançante psicodelia pop. "Ideias Tortas", novo single, fala de um jeito leve de uma rotina de cansaços e dos escapes diários para se reencontrar. "A faixa surgiu da primeira colaboração com a artista Naluz. A letra fala sobre como lidamos com nossa rotina, nosso cansaço com a sociedade, nossas hipocrisias, questões políticas e como nos anestesiarmos para deixar mais leve tudo isso", reflete.

Divulgação

Divulgação



Tem piano na house

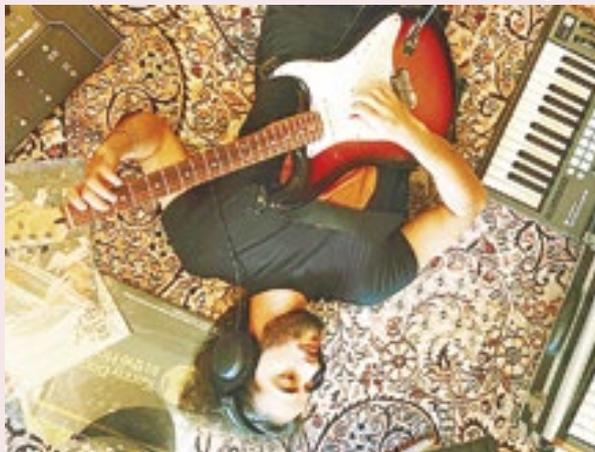
Pic Schmitz, um dos pioneiros da house music no Brasil, apresenta o single "Waiting on You". Com o piano exercendo papel central na melodia, "Waiting on You" destaca-se pelo seu house fino, alegre e vibrante, características que sempre definiram o som do artista gaúcho. "A pegada dela originalmente era um pouco mais indie", explica Pic. "Mas aos poucos foi ganhando contornos de um UK house, como artistas como MK e Sonny Fodera produzem, onde ressalta um house mais moderno e pra frente, com o piano ganhando grande destaque".

Divulgação



História na melodia

O DJ, produtor e compositor pernambucano José Pinteiro, o Jopin, busca emoções e dias melhores em "Hope". Sem vocais, a faixa se destaca por sua capacidade de contar uma história através da melodia, elevando a criatividade do artista, que se tornou referência na música eletrônica brasileira pelo uso da musicalidade brasileira em suas criações. "Venho tentando ser o mais autêntico possível nos meus últimos lançamentos", explica Jopin. "É uma música sem vocal, mas que consegue contar uma história. Gosto de escrever, mas nesse trabalho tentei usar os instrumentos como palavras".



CORREIO CULTURAL

Luisa Monte/Folhapress



Bueno e Gorski como José Bonifácio e D. Pedro I
'B de Brasil' grava os episódios da segunda temporada

Após colocar D. Pedro I no divã e explorar a independência do Brasil sob outro ponto de vista, a série documental "B de Brasil" está de volta ao History Brasil. Na segunda temporada, o escritor Eduardo Bueno, o Peninha, se inspira nos 200 anos da primeira constituição e coloca o então imperador em situações curiosas.

Numa das cenas, D. Pedro I faz uma videoconferência — vestido da cintura para cima com o traje imperial, e para baixo com shorts de pijama. A reunião era com a Assembleia Constituinte, que viria a ser dissolvida, para em seguida ser outorgada a Carta, de acordo com a sua vontade e lhe garantindo amplos poderes.

Festival

Exclusivamente dedicada à exibição e à promoção de obras audiovisuais através da realização de mostras competitivas e não competitivas, o 1º Festival Internacional de Cinema de Paraty abriu inscrições através do site www.festival-decinemadeparaty.com.br.

Criatividade

O multiartista Júlio Luz, licenciado em Teatro e produtor cultural, lança o curso de teatro "Criatividade em Ação, com início nesta terça-feira (4), no Centro de Investigação Artística, na Tijuca. Inscrições e informações: julio.rosemborg@gmail.com.

Reaparecimento

Após 15 anos afastada da TV aberta, a jornalista Leilane Neubarth volta a aparecer na Globo. A apresentadora do Conexão GloboNews será a apresentadora do Falas de Orgulho, dedicado ao público LGBTQIA+, que será exibido no dia 21 de junho.

Fenômeno

Reprisada desde abril no Vale a Pena Ver de Novo, "Alma Gêmea" (2005) não só subiu a audiência da Globo na TV aberta, como virou líder de audiência no Globoplay. O folhetim escrito de Walcyr Carasco ultrapassou "Renascença" e a série "Justiça 2".



Em 'Albatroz', o belga Jérémie Renier é Laurent, um policial às voltas com o remorso

O mergulho profundo de um ator

Inédito em circuito, a pérola francesa 'Albatroz' ganha espaço na grade das plataformas digitais

Por **Rodrigo Fonseca**
 Especial para o Correio da Manhã

Inédito há três anos em nossas telas, "Albatroz" surge disponível para compra digital no Mercado Livre. É uma joia do cinema francês. Passou-se um bocado desde a Berlinale 2021, mas a capital alemã não se recupera desse título que ainda reverbera por suas esquinas. Ninguém entendeu como o júri deixou sair sem laúreas um filme tão possante, que nos devasta por sua discussão sobre o peso da culpa e importância da catarse como expiação do remorso. Um filme que vendeu 90 mil ingressos em um mês em uma friíssima temporada de vacas magras para o cinema francês, dirigido e escrito por Xavier Beauvois, mesmo cineasta que há 12 anos deslumbrou o mundo com "Deuses e Homens". Seu chamariz é a potência de um ator em

estado de graça: Jérémie Renier.

À época em que Beauvois exibiu o longa na disputa pelo Urso dourado, em março passado, a revista portuguesa C7nema escreveu assim: "Existem atores que nos ganham pelo carisma (Gérard Philipe, David Niven, Bill Murray), atores que nos seduzem pelo ativismo político (Yves Montand, Danny Glover) e existem aqueles que nos imantam pelo puro talento (Daniel Day-Lewis, Tony Leung, Denzel Washington, Milton Gonçalves). Mas há uma quarta categoria: a dos atores essenciais. Profissionais que misturando carisma, talento e um certo grau de mobilização política tornam-se símbolos de seu tempo, metonímias vivas do modo como vivemos um certo período da História. Jérémie é um deles".

Aos 43 anos, Renier passou pelo Brasil em 2018 para lançar os filmes "O Amante Duplo" (do

mesmo François Ozon) e "Carnívoras" (que dirigiu com seu irmão, Yannick). Em "Albatroz", ele vive Laurent, um policial acostumado à rotina tranquila da Normandia, numa zona portuária. É de secar a garganta a maneira como a câmera de Beauvois, modulada pela fotografia de Julien Hirsch, flana pela região e consegue deixar uma sensação de aspereza mesmo nos ambientes mais úmidos, de águas onipresentes.

Durão e eficaz em seu ofício, Laurent mantém uma doce relação com a namorada, Marie (Marie-Julie Maille, em impecável em sua atuação). Eles têm uma filha, mas nunca se casaram. Ele, contudo, sonha com uma festa de casamento, e ela, não, quase numa inversão das representações arquetípicas de gênero. Ele sonha ainda em ganhar o mundo num barco. Mas depois que um incidente em seu trabalho, na tentativa de conter um homem descontrolado, o oceano de prosperidade desse doce personagem vira uma torrente de pesadelo e só lhe restam as marés.

Até a tormenta bater, Beauvois é plácio. Ele não se apressa a entrar em pontos de virada ao lidar com o roteiro de Frédérique Moreau e a da própria Marie-Julie. Não é um filme SOBRE um incidente, mas COM um incidente, onde o mais importante é saber quem Laurent era e o que ele vai se tornar. Tudo isso apoiado no amplo ferramental de um bom ator.

Será a saideira de Ken Loach?

Um ano depois de sua passagem por Cannes, 'O Último Pub', que pode ser o filme de despedida do marxista inglês, vai estrear no Brasil

Jorge Fuenbuena/SSIFF

Por **Rodrigo Fonseca**

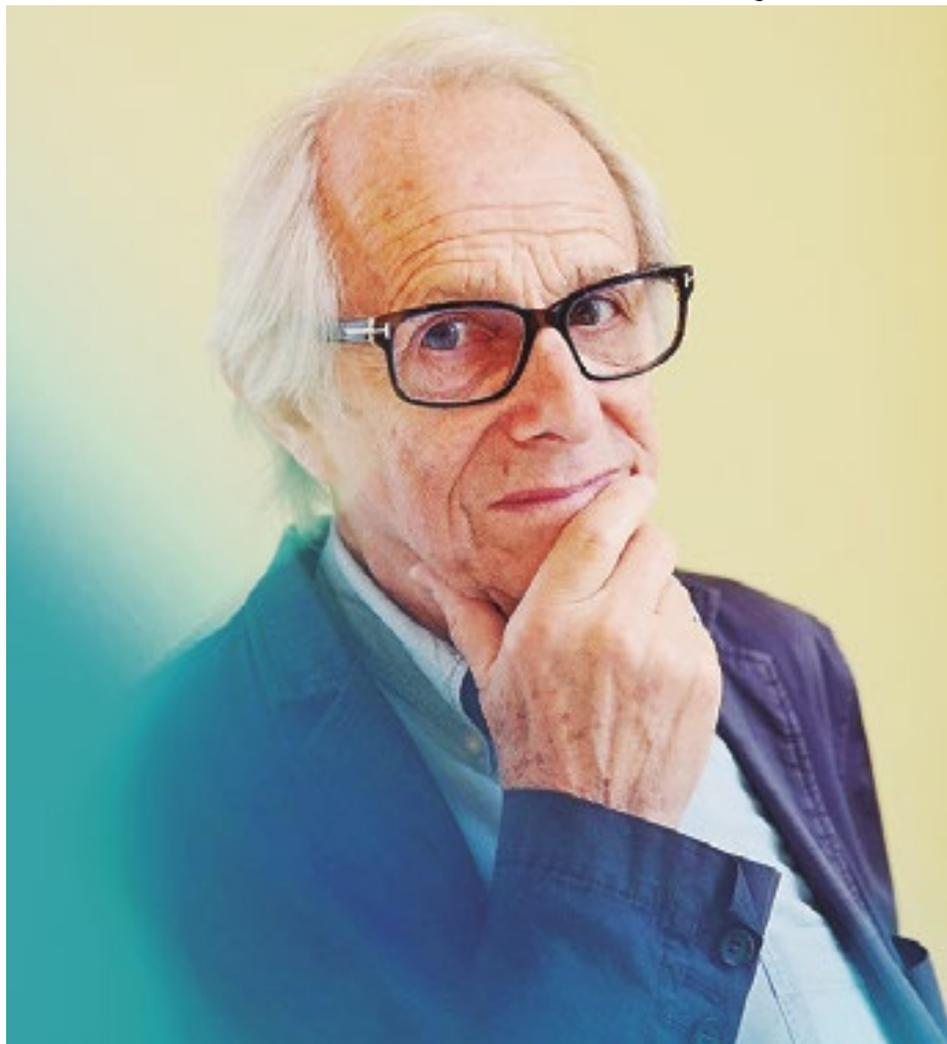
Especial para o Correio da Manhã

Lá se vai um ano contadinho no calendário desde que "The Old Oak" fez sua estreia mundial, na disputa pela Palma de Ouro de Cannes. Desde então, nada de tela para o filme no Brasil, onde seu realizador, Ken Loach, é um mito. Ele chegou a ser convidado a participar de um Zoom com o documentarista Silvio Tendler na edição online do Festival de Brasília, em 2020. Mas há uma data para a estreia do que periga ser seu derradeiro filme no circuito nacional: 8 de agosto. E já existe um título brasileiro: "O Último Pub".

"O que a gente tenta fazer é contar as histórias das pessoas da classe trabalhadora. Nessas vidas, as contradições do capitalismo se tornam claras, revelando tanto as contradições do abuso da dignidade humana quanto a capacidade que as pessoas têm para sobreviver. O problema é o sistema", disse Loach no concorrido zoom com o Festival de Brasília, enquanto seu longa anterior, "Você Não Estava Aqui" (2019), corria mundo.

Seu novo filme carrega muito de seu parceiro habitual, o roteirista Paul Laverty. Formado em Filosofia e depois em Direito, o escocês nascido em Calcutá fez da América Latina das décadas de 1980 e 90 a arena para uma série de lutas sociais em prol de países marcados por ditaduras ou guerrilhas.

Da Nicarágua, onde iniciou seu périplo, ele foi para El Salvador e, na sequência, partiu para a Guatemala. Após um longo périplo pelas veias abertas do território de colonização hispânica, ele resolveu procurar Loach, entusiasmado pela natureza marxista dos longas do diretor, a fim de lhe servir como consultor para um projeto que virou o filme "Uma Canção Para Carla" (1996), sobre a reinvenção de uma imigrante nicaraguense em Glasgow. Aquela aproximação de Laverty com o audiovisual deu frutos, uma vez que Loach nunca mais o largou. Fizeram outras



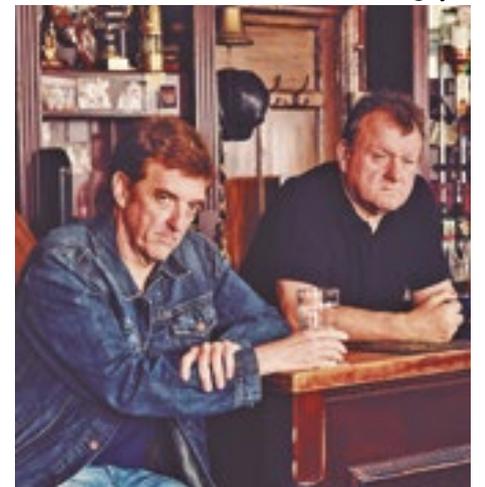
15 produções já lançadas, incluindo os dois títulos que deram a Palma de Ouro ao realizador: "Eu, Daniel Blake" (2016) e "Ventos da Liberdade" (2006).

Exibido ainda no Festival de Locarno, "O Último Pub" foi coroado com a menção honrosa do Júri Ecumênico da Croisette. A marca do marxismo está em todos esses títulos. "Temos sempre que escutar o Velho (Karl Marx) e pensar sobre o que ele nos mostrou há alguns séculos a fim de pensar as contradições materialistas como motores de um mundo de tanta exclusão. Eu só não faço um filme sobre o que acontece com o Brasil por não ter morado nunca aí. Seria um ato desonesto da minha parte", disse Loach, em recente entre-

vista ao Correio da Manhã, em meio à finalização de seu novo longa, que ele promete ser o ponto final de uma obra iniciada em 1967, com "A Lágrima Secreta".

Sua trama é ambientada num vilarejo de antigos mineiros de carvão, que nunca se recuperou totalmente do esgotamento de suas jazidas. Sua comunidade, outrora próspera e orgulhosa, luta para manter seus valores vivos em meio à raiva e ao desânimo crescentes, enquanto poucos jovens permanecem no local. Um fluxo de refugiados sírios, atraídos pelas moradias baratas, está trazendo sangue novo para o vilarejo. Mas não está claro se a comunidade os aceitará, e o futuro do último pub do vilarejo, The Old Oak, é incerto. É Loach

Divulgação



Um cenário regado a drogas e frustração social, que espelha o Reino Unido de hoje, embala 'O Último Pub' de Ken Loach, o novo longa do politizado Ken Loach

em estado puro, com sua sociologia poética.

Vale lembrar que a produtora de Loach, a Sixteen Films, é um tesouro vivo em imagens de arquivo, diante de tudo o que o realizador registrou em seis décadas de audiovisual, uma vez que estreou na TV em 1964. Já nos primeiros filmes - "Up The Junction" (1965), "Kes" (1969), "The Rank and File" (1971) e "The Price of Coal" (1972) -, Loach desenhava o caminho que vem seguindo, com enorme sucesso. "Encaro sempre o território como personagem. A cidade são coprotagonistas nos meus filmes, sempre", defende Loach nos vídeos de seu canal no YouTube, que pode ser acessado na URL <https://www.youtube.com/user/KenLoachFilms>. "Metrópoles ou vilas interagem todo o tempo com os personagens, modificando como eles se comportam, desejam, amam".

Laverty é parte essencial da força política da estética de Loach, com seu fraseado curto, de reflexões alarmistas sobre a engenharia da exclusão no Velho Mundo. O "Old Oak" do título é o nome de um bar numa cidade inglesa outrora sustentada pela exploração de suas minas - hoje esgotadas. A falência generalizada do local movimenta as vendas de cerveja e de uísque de TJ Bannatyne, o dono daquele boteco, vivido com esplendor por Dave Turner. A escrita fina de Laverty oferece a Turner munção para destilar dor no momento em que seu personagem passa a acolher (e servir) refugiados sírios que se aboletam, dia a dia, naquele lugar assombrado pela xenofobia europeia.

Agitado por reviravoltas violentas, o roteiro de Laverty abraça a sociologia, combinando-a com o (melo)drama numa mistura perfeita, filtrada pela fotografia sóbria de Robbie Ryan.

João Julio Mello/Divulgação

Paulo-Roberto Andel

Andando na Lua

Parecia que a gente pisava na Lua, só que ela era feita de areia.

A gente era de Copacabana. Pobre. No máximo o dinheiro do lanche e do ônibus. Então descobrimos o Leblon. Só para olhar as coisas, as gentes nos bares badalados, as garotas.

Tinha um Gordon lá também, Cazuza vivia ali. Noutra vez ele estava em pé no balcão do boteco, acho que na Ataulfo de Paiva mesmo. Ele cantava alto, talvez um blues, todo mundo ria. Era o Rio.

Muita gente ia pro Leblon. Outras galeras iam pro Baixo Gávea, que tinha uma grande concentração da turma ligada ao heavy metal e o rock também.

No fim da noite, os ônibus circulares ficavam lotados. Claro, todo mundo descia em Copacabana, o astro-rei. Gente das coberturas, dos apês da Atlântica e dos quitinetes. Não havia distinção.

Inventamos um jeito de prorrogar a noite. Simplesmente dava duas ou três da manhã, todo mundo tinha arrumado sua vida, a gente ia pra Delfim Moreira e voltava a pé até a Figueiredo Magalhães. Pela praia, na areia, na beira-mar.

Parecia que a gente pisava na Lua, macia, feira de areia fofa e clarinha. Vínhamos devagar, para saborear o passeio em pleno Atlântico Sul. De ônibus era mais rápido, só que a gente no fundo queria ficar mais tempo juntos, naquela beleza de visual.

Silêncio, silêncio, nossos risos. Às vezes éramos cinco, oito, doze, somente a gente e mais ninguém. O barulho misterioso do mar sereno do

Leblon e Ipanema. Gente mesmo só tinha no Arpoador, mas não íamos até lá. Era virar geralmente na Francisco Otaviano e navegar Copacabana.

Ninguém namorava entre nós. Garotos e garotas de quinze e dezesseis anos, na flor da juventude. Flertes havia, namoro não. Tinham inventado o negócio de ficar, que era um sucesso da época, então namorar estava careta por um tempo. Ninguém assumido também, só muito mais tarde.

Engraçado que em Copacabana a gente não ia muito pela areia. É que o calçadão e a calçada eram verdadeiros acontecimentos, laboratórios humanos, gente doida de todas as regiões, idades e sexualidades.

Não precisava de muita grana mesmo, tínhamos um programa de auditório a céu aberto, fervendo da Alaska até pelo menos a Santa Clara. Três da manhã, a turma do Juventus ainda fazia resenha na esquina da Domingos Ferreira. Deixávamos as garotas uma a uma em casa, nos despedíamos na porta do Shopping dos Antiquários.

Geralmente era a pré-manhãzinha de domingo. Os Globinhos já estavam na luta, preparando a tonelada de jornais para serem entregues a domicílio. Meu amigo Silvio, gente boa, trabalhou lá até ingressar no TI. Ele era muito legal, nunca mais nos vimos.

Sem tiro nem facada, a gente era pobre mas andava feliz pela areia da Lua de Ipanema. Foram dezenas e dezenas de vezes, até que, tal como diria o poeta Renato Russo, viramos pássaro novo longe do ninho - daí, voamos.



'O Fim do Teatro' compila três histórias e oferecem uma reflexão múltipla sobre a natureza humana

Uma ideia que se fez teatro

Espectáculo 'O Fim do Teatro' reflete sobre a importância e a força das artes cênicas

Revendo entre três narrativas que se passam no mesmo palco, mas em diferentes tempos, a obra "O Fim do Teatro" conta os conflitos de dois irmãos que herdam um teatro abandonado; a encenação da peça bíblica "Caim e Abel"; e os questionamentos de dois técnicos que lidam com os bastidores da produção teatral.

Escrito por Carolina Lavigne e André Sant'Anna, com direção de Marco André Nunes, e no elenco Jean Machado e Eduardo Speroni, a peça compila três histórias e oferece uma reflexão múltipla sobre a natureza humana, a finalidade do

teatro e o que poderia ser o seu fim. Promove reflexões lúdicas e profundas sobre os bastidores do teatro, as complexidades das relações familiares, as angústias do pensamento e os diferentes caminhos que podemos seguir.

"O teatro se assemelha a algo vivo e talvez a melhor atitude à frente dele seja respeitar o seu próprio processo de gestação e desenvolvimento. Há três anos, quando criamos esse projeto, nosso desejo era fazer um espetáculo que abordasse o desmonte cultural que vivíamos até então. Claro, que com todas as mudanças que vivemos, políticas e cotidianas, o projeto ganhou novos contornos, e nesse novo caminho a palavra 'fim' ganhou uma outra conotação: a finalidade", explica Eduardo Speroni.

Com o emaranhado de notícias bombardeadas em todos os tipos de mídias - catástrofes naturais, guerras, assaltos, acidentes, preconceitos - muitas pessoas visam esvaziar suas mentes e parar de pensar

como estratégia de sobrevivência social e busca pela felicidade.

"Exaltamos aqui a importância e força que o teatro tem, ao questionar, refletir e propor novos horizontes. A construção dessa peça se deu a partir das ideias de toda a equipe, ganhando vida própria, crescendo, buscando espaço, e se configurando numa obra coletiva, que contempla os desejos dos envolvidos. Viva a magia do teatro", completa Jean Machado, também idealizador do espetáculo.

De acordo com a direção, o "Fim do Teatro" busca entrelaçar o real e a representação como a maior forma de se conectar com as angústias em um momento onde a humanidade foge de lidar com os verdadeiros problemas e opta por se livrar dos pensamentos, de decisões e até de certas pessoas. "É através desse paralelo que parte o projeto, ao colocar o teatro como um grande recipiente, uma mente fora do nosso corpo, capaz de espelhar a realidade vivida e suspendendo a racionalidade em favor da experimentação e do risco", explica o diretor Marco André Nunes.

SERVIÇO

Teatro Glauce Rocha (Avenida Rio Branco 179, Centro)
De 6 a 27/6, às quartas e quintas (19h). OBS: 27/6, sessão dupla (17h e 19h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Um jantar para ficar na história

Os maiores profissionais de gastronomia se unem em evento em prol das vítimas da tragédia no Rio Grande do Sul

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

Existem momentos únicos e raros nos quais se faz história e se instala na memória de todos os que tem o privilégio de participar. Nesta segunda-feira (3) os grandes profissionais da gastronomia do Rio - chef, sommeliers, mixologistas, produtores orgânicos - fazem um verdadeiro banquete na Casa da Glória com toda renda revertida para as vítimas da tragédia do Rio Grande do Sul, via projeto “Irmãos de Talheres”, cujo objetivo é fornecer mais de 30 mil marmitas por dia à população vulnerável da região.

Este propósito reuniu nomes como Claude Troisgros, Thomas Troisgros (Toto e Oseille), Roberta Sudbrack (Sud Pássaro Verde), Silvana Bianchi (Pastrela), Bruno Katz (Nosso, Katz-su e Chanchada), Pedro Coronha (Koral), Jessica Trindade (Chez Claude), Gonzalo Vidal, Gustavo Rinkevich (Rocka Búzios) e o anfitrião Christiano Ramalho (Bistrô da Casa) preparam o vasto menu que você confere no box.

Os vinhos são todos produzidos no Rio Grande do Sul, fornecidos pela importadora e distribuidora Zahil, e o serviço também ficará a cargo de um time de craques: Haroldo Nunes (Chez Claude), Marlene Souza (Professora de enologia e sommelière), Mariana Sarmento (Adega on line), Isaura Monique (Chez Claude), Raimundo Pires (Zahil), Gilton Leite



Divulgação

Claude e Thomas Troisgros



Divulgação

Silvana Bianchi, chef



Divulgação

Jéssica Trindade



Divulgação

Roberta Sudbrack



Divulgação

Gonzalo Vidal



Nubra Fasari/Divulgação

Bruno Katz, chef

O MENU SOLIDÁRIO

- *Fugazzeta de queijo meia cura e mortadela na brasa (Gonzalo Vidal)
- *Tartare de Abóbora (Roberta Sudbrack)
- *Beterrabas assadas ao sal grosso, com creme de queijo de cabra, alho negro, cítricos e nozes caramelizadas (Gustavo Rinkevich)
- *Crudo de peixe com óleo de amendoim e tomate assado (Pedro Coronha)
- *Gyoza de camarão com porco, vinagre de kombucha de café (Thomas Troisgros & Carlos Yusa)
- *Raviolone, quatro tipos de cogumelos, creme parmesão e azeite de manjerição e laranja (Silvana Bianchi)
- *Arroz de pato (Claude Troisgros & Jéssica Trindade)
- *Matambre de porco recheado com linguiça de pernil, queijo de ovelha do RS e mini cenouras da Fátima (Christiano Ramalho)
- *Cremoux de chocolate branco e iogurte, sorvete de figo, framboesa, manjerição e Espelette (Bruno Katz)

(Território Aprazível), Gabi Teixeira (Belisco), João Pedro (Alloro al Miramar), Douglas Lima (Grupo Trêma), Itamar Ferreira (Chez Claude), Alexandre Loureiro (sommelier), Ezequias Almeida (Merceria da Praça), Altair Neto (Bota Restaurante) e Thiago Marques (Restaurante Joaquina). Quem não abre mão do chope, a Ambev fornecerá uma de suas marcas superiores, a Hoegaarden.

A união beneficente também contará com welcome drinks do empresário e mixologista Jonas Aisengart; a Orgânicos da Fátima (uma das maiores parceiras de hortifruti sem agrotóxicos do Rio de Janeiro); águas Evian e café da marca Três Corações. A decoradora Andrea Ramos será a responsável pela beleza das mesas.

“Entendemos que para levantar um estado inteiro, não devemos nos mobilizar apenas nos primeiros dias. Ainda será preciso ajudar por muito tempo”, lamenta o chef Christiano Ramalho.

SERVIÇO

CASA DA GLÓRIA
Ladeira da Glória, 98
3/6, a partir das 20h
Valor: R\$ 500 por pessoa
Reservas: (21) 96585-5546.

CRÍTICA / RESTAURANTE / TISSAI

Clássico e contemporâneo

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

A canção consagrou a área com o verso “Quem sabe te encontro de noite no Baixo”. E agora há de se ir com certeza, conhecer o Tissai, inaugurado há dois anos, para se fazer uma viagem gastronômica pela Ásia. Sob a liderança de Geff Ruas e sua sócia Georgina Bautista, a casa traz um cardápio repleto de sabores e texturas, inspirado na rica culinária asiática.

Começamos pelas entradas. Escolha difícil. As sobremesas vieiras são grelhadas, com missô e molho holandaise de mel (suco de limão, gemas, manteiga e sal), acompanhado de bolinho de arroz. As trouxinhas de thay são a massa de wonton - folhas finas de uma massa de farinha de trigo e ovos - com frango desfiado, cenoura picada, cebolinha e abacaxi. É servido com molho curry e base de pasta amendoim, leite de coco, curry e mel. A perfeita mistura de crocância, doce, salgado e fresco.

Os principais vão do tradicional, incorporando ingredientes que fazem uma festa para quem aprecia a comida de fusão. O Shakê Especial foi ótima pedida com o salmão semi-grelhado com molho teriyaki de laranja, servido com um mix de cogumelos salteados na manteiga com shoyu e saquê. O Crispy Yakissoba de Mignon com Legumes une a suculência da carne com o crocante do macarrão frito, de originalidade rara.

A casa leva sua expertise para onde se quiser, em eventos particulares. Além da farta escolha na composição, pode-se incluir os drinks criados pelo renomado mixologista Rausley Cler, são um espetáculo à parte. A carta inclui desde opções clássicas e atemporais até coquetéis modernos e inovadores. E aí fazemos jus a canção: a gente pode se encontrar no Baixo ou onde quiser, com as delícias do Tissai.

SERVIÇO

TISSAI

Avenida Ataulfo de Paiva, 1273

De terça a sexta (12h a 1h), sábados (13h a 1h) e domingos (13h às 23h)

André Marins/Divulgação



O Tissai oferece uma viagem saborosa e surpreendente pelos sabores asiáticos

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Divulgação



Kinjo inaugura rodízio

O restaurante nikkei do chef peruano Marco Espinoza, completa dois anos e, para comemorar, lança o primeiro rodízio nikkei da cidade. A palavra Nikkei se refere aos descendentes de japoneses no Peru que originou uma cozinha de fusão com os elementos da Ásia e da América. No cardápio estão Gyosa Buta, tacos de salmão com creme de abacate. Os ceviches dividem a sequência com os sashimis, enquanto nos pratos principais as opções de Ussuzukuri são oferecidas com molho de maracujá e o Gratinado Fuji - Camarão, abacate, gratinado com caní kama e parmesão.

Jantar asiático

A chef Ana Carolina Garcia, mestre da comida tailandesa do Cam O'n Thai Food faz nesta segunda-feira (3) jantar a quatro mãos com o chef Danilo Parah, do Maska. No menu, uma explosão de sabores na fusão do frescor contemporâneo com as especiarias e aromas da Tailândia. Estarão lá, entre muitos acertos, o Bao do Maska (barriga de porco glaceada, kimchi, pepino e maionese de missô) e o Ancho grelhado (pó de arroz jasmim tostado, molho nan jim jaew, vegetais na brasa com molho de ostras). Reservas: (21) 99997-0250.

Vantuil Costa/Divulgação



Divulgação



Chileno tradicional

Um dos grandes ícones do vinho no Chile está chegando em nova safra ao Brasil: o Viu Manent VIU1 2021. O rótulo traz a expressão máxima da experiência e especialização da vinícola na elaboração de malbecs - ela é a primeira do país a engarrafar e comercializar um vinho malbec (em 1993). Idealizado como um tributo ao fundador da Viu Manent, Don Miguel Viu Manent, sua primeira safra, em 1999, foi lançada em 2001, um ano após a morte ao viticultor. VIU1 está em sua 20ª edição, com uvas colhidas de vinhas velhas plantadas há mais de 100 anos.